

Universidades Lusíada

Carqueijeiro, Helena Luisa Pais Tomé

O espaço urbano de festa

<http://hdl.handle.net/11067/5025>

Metadados

Data de Publicação

2011

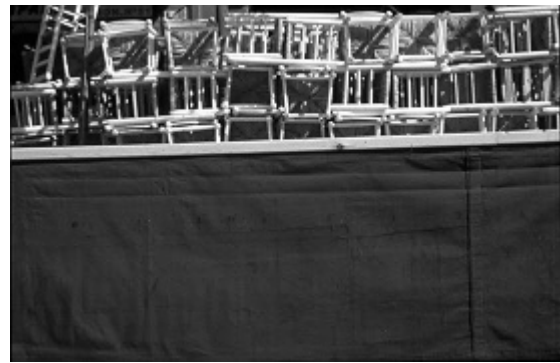
Resumo

A festa é um acontecimento fundamental em qualquer sociedade. Ela é uma manifestação da cultura onde estão presentes de forma significativa os valores, as figuras representativas, os ícones, os símbolos dessa mesma sociedade numa actividade não produtiva (embora, actualmente, muitos dos intervenientes venham a ter lucro) e voluntária a que o homem se dedica apenas pela fruição ou pela representação cerimonial da sua condição e da sua relação com o transcendente. A festa é uma situação de excepç...

Tipo

bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2023-05-05T02:27:34Z com informação proveniente do Repositório



Sevilla. Semana Santa

O ESPAÇO URBANO DE FESTA HELENA CARCAJEIRO / Mestre Arquitecta Universidade Lusíada de Lisboa

A festa é um acontecimento fundamental em qualquer sociedade. Ela é uma manifestação da cultura onde estão presentes de forma significativa os valores, as figuras representativas, os ícones, os símbolos dessa mesma sociedade numa actividade não produtiva (embora, actualmente, muitos dos intervenientes venham a ter lucro) e voluntária a que o homem se dedica apenas pela fruição ou pela representação cerimonial da sua condição e da sua relação com o transcendente.

A festa é uma situação de excepção; é um momento que rompe com o quotidiano, um tempo diferente. Mas é também um espaço. Um espaço que se constrói no espaço de todos os dias, que se apropria dele e nele se inventa; um espaço que imprime aos os lugares do dia-a-dia uma dimensão extraordinária e os transforma durante um período de tempo limitado. A festa é criadora de um espaço diferente.

É fácil reconhecer a apropriação temporária do espaço de festa através dos elementos decorativos, formais e efémeros de que o espaço se veste. Mas está muito para além destes; essa apropriação temporária, que vem trazer alterações marcantes nas presenças e qualidades dos lugares e no modo de os habitar, ocorre por diversas razões e diversos processos.

Assim podemos ter:

1. Espaços que têm a sua origem na festa e que a ela se destinam, que permanecem enquanto lugares no quotidiano mas que só adquirem o seu verdadeiro sentido nos períodos festivos. Geralmente estão afastados dos núcleos urbanos e consistem em conjuntos edificados e objectos arquitectónicos de grande significado.

2. Espaços gerados pela própria festa e que são integrados e absorvidos pela estrutura urbana. Muitas vezes torna-se difícil averiguar se a festa está ou não na origem desses espaços. No entanto ela está, seguramente, muito ligada a eles. Os espaços gerados pelas festas urbanas não se limitam aos lugares em que estas decorrem e podem abranger uma vasta área territorial.

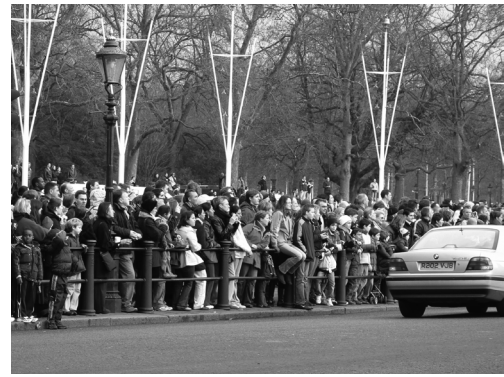
3. A ocupação de vazios e falhas na estrutura da cidade, geralmente em situação periférica ou residual. Por vezes o acontecimento festivo perdura por muito tempo e o espaço permanece em reserva, condicionando o crescimento de um núcleo urbano. Outras vezes a ocupação é temporária e é a festa que se desloca, indo ocupar sucessivamente espaços diferentes.

De qualquer modo esses vazios urbanos, os “terrains-vagues” têm capacidade de chamar a si acontecimentos festivos de grande intensidade.

A festa cria, pois, mundos temporários que existem dentro de mundos sedimentados, ou que se vêm a sedimentar, que se influenciam reciprocamente e que estabelecem interações espaciais com os lugares em que decorrem, reequacionam relações de sociabilidade e novas formas de habitar os espaços e que estão muito para além das transformações epidérmicas e superficiais, de elementos formais que se sobrepõem ao existente, mas que actuam ao nível da alteração de limites, do novo sentido de espaço público/privado, da relação interior/exterior diluindo barreiras, criando permeabilidades, simbioses e espaços híbridos, trazendo para o exterior acções habitualmente conotadas com os espaços privados e chegando mesmo a abrir parte das habitações que, assim, funcionam temporariamente como extensões da própria rua.

As festas são situações complexas, porque abrangem muitos (todos) aspectos da vida humana e, por isso mesmo, hoje em dia, as festas populares, as “arquitecturas efémeras” e o lúdico de uma maneira geral, são temáticas que têm despertado a atenção de alguns curiosos, de investigadores em diversas áreas e também de muitos investidores (públicos e privados) que aí vêem uma área de mercado, um processo promocional, uma possibilidade de lucro.

Muitos são os estudos e trabalhos que têm vindo à luz sobre a temática da festa. Trata-se, de uma maneira geral, de abordagens antropológicas e/ou etnográficas de investigação ou de carácter de divulgação cultural e turística. Alguns são respostas ao receio



Londres. Render da guarda

de uniformização sócio-cultural que a integração europeia e a globalização parecem suscitar.

Uns abordam o tema numa perspectiva mais historicista desenvolvendo estudos sobre esta ou aquela festividade em particular ou sobre um elemento específico, como por exemplo, estudos sobre a iluminação da feira de Sevilha, ou sobre os arcos comemorativos nas festas do séc. XVIII em Lisboa.

Outros preconizam uma aproximação mais etnográfica e folclórica, evidenciando os aspectos antropológicos e sociais e, por vezes, tradicionalistas das festas populares.

Outros ainda limitam-se a elaborar levantamentos, inventários ou roteiros, mais ou menos científicos, mais ou menos turísticos que são, sem dúvida, interessantes mas que, na maior parte das vezes não são minimamente conclusivos.

Há também grande quantidade de monografias e outros estudos, desenvolvidos por órgãos de poder local.

Este crescente interesse pelas festas, aqui entendidas em sentido lato, percebe-se também na quantidade de iniciativas promotoras de actividades lúdicas, de festas e festivais que surgem todos os anos ou que, correspondendo a situações mais tradicionais, são recuperadas. Temos vindo a observar um retomar de “antigas festas tradicionais” (muitas delas são, na realidade, criações recentes) por parte de autarquias de menor dimensão como elemento dinamizador e promocional das diferentes localidades associado geralmente à “imagem de marca” do município. Exemplo inequívoco desta situação é o caso de Óbidos, que tem promovido recentemente várias festas como a Tradicional Festa do Chocolate ou a Vila Presépio, por ocasião do Natal.

Percebe-se, também, na construção de espaços públicos de grande representação e grande visibilidade, destinados ao lazer, tão do agrado dos municípios, como parques, centros cívicos, pavilhões, recintos de feiras, etc. que proliferam no território, quase sempre inspirados em modelos de sociabilidade menos convencional, mais democrática e de inclusão social, ligados ao lazer e à cultura do lazer. O desenvolvimento económico permite mais tempo livre aos cidadãos e o crescente interesse pelo lúdico tem, como consequência lógica, uma maior disponibilidade de tempo, ocupado pelo ócio e pelo lazer e que se revela em áreas económicas, artísticas, culturais e científicas, sobretudo no domínio das ciências sociais.

A ideia de que a festa é dinamizadora é geralmente aceite sem questionar e está subjacente a projectos recentes de reconversão urbana que têm como pretexto ou elemento espoletador um acontecimento específico.

Também os arquitectos urbanistas e, de uma maneira geral, todos os responsáveis no processo de idealizar o espaço público, têm encarado esta questão nomeadamente nos princípios de fruição de espaço na procura de vivências lúdicas; na transformação da sociabilidade que tem pautado algumas experiências urbanas, sobretudo relacionadas com eventos a grande escala, como é o caso da Exposição Mundial de Lisboa em 1998 – a Expo'98 – que, por sua vez, tomou como referência as intervenções que ocorreram em Espanha em 1992 – tanto a Exposição Universal de Sevilha como os Jogos Olímpicos em Barcelona.

Constatando que a festa implica alterações na vida colectiva, através de comportamentos integradores menos convencionais e novas formas de vivência e apropriação do espaço; seduzidos pela forma intensa e efectiva como o espaço público é ocupado e vivido durante os períodos festivos; percebendo a aceitação que os espaços de lazer, em geral, e de festa em particular, têm entre as populações e entre os promotores (que inclui também a viabilidade económica dos investimentos ou a maior facilidade em obter financiamentos); verifica-se, hoje em dia, a vontade de trazer para o quotidiano os mesmos princípios que regem as situações de festa – aquilo que se poderá chamar o espírito do **“sempre em festa”**.

Trata-se de uma contradição: a festa funciona como uma vivência diferente precisamente porque estabelece uma ruptura com o quotidiano.

O desejo de prolongar o sentido da festa indefinidamente, a procura da animação constante dos espaços parece-nos destituída de propósito, banaliza, esvazia. No entanto, é necessário que, terminada a festa, o espaço tenha outra vivência, mais serena, mas nem por isso menos qualificada. É necessário que o dia-a-dia se aproprie das grandes estruturas que sem a festa se tornam obsoletas, incoerentes e depressa se degradam; que preencha os vazios, agora inertes. Por tudo isto parece-nos fundamental pensar os espaços de festa como uma realidade incontornável para o desenho dos espaços públicos da cidade.

Não podemos, portanto, pretender que os espaços quotidianos sejam habitados como situações de festa e pensar as nossas cidades como lugares de festa permanente. Pura e simplesmente isso não acontece. O que não significa que não seja possível que alguns valores determinantes na criação de espaços de festa significantes não possam ser assimilados pelo espaço quotidiano (pelo menos em parte) nem que as qualificações do espaço público quotidiano que se transformam e levam à criação de espaços de festa não possam ser tidas em conta quando pensamos “cidades”. Cidades que incluam a festa como elemento de



Praga

qualificação do espaço urbano.

A festa, como todas as actividades do homem, decorre sempre num espaço, ou melhor, apropria-se sempre de um espaço (construído ou não) que transforma, que reinventa, que qualifica ou requalifica. A festa tem necessidade de espaços significantes ou de espaços a que possa dar significado e representação. Acontece tradicionalmente nos principais largos e praças das nossas cidades e vilas (ou pelo menos acontecia) e, mesmo quando remetida para espaços periféricos, vazios urbanos, ou espaços de ruptura ou descontinuidade no tecido urbano, a festa necessita de qualificar o espaço, ainda que temporariamente, de lhe atribuir valores e hierarquias. Muitas das acções urbanísticas actuais ressentem-se da ausência de um espaço ou espaços de representação, de espaços de festa e de realização de eventos festivos.

A festa acontece num espaço. Molda-se aos espaços existentes causando apenas alterações temporárias, efémeras e epidérmicas que têm a ver com a construção de um imaginário, que desaparecem logo após o acontecimento e perduram apenas na memória do colectivo que, no contexto da estrutura urbana têm pouca importância.

A festa acontece, também, em espaços propositadamente construídos ou reabilitados. Neste caso, existem traços morfológicos e estruturantes que perduram e são passíveis de ser analisados estudados, manipulados, intencionalmente propostos e construídos. Para tal é imprescindível reconhecer a existência de elementos, presenças e qualidades espaciais constantes nos espaços de festa, nas suas diversificadas aparências. Importa procurar e identificar aquilo que é comum aos espaços urbanos de festa e aos espaços quotidianos, as qualificações e elementos significantes comuns ou passíveis de serem transformados ou transformadores para além dos elementos decorativos, percíveis e efémeros.

Temos que olhar para as transformações morfológicas ocorridas nas cidades e núcleos urbanos que tiveram a sua origem na realização de uma festa, e procurar entender de que modo a construção do lugar da festa foi (e é, também) a construção da cidade de hoje para podermos intervir na construção da cidade de amanhã.

Temos que ter em conta o conhecimento das morfologias e das presenças tangíveis do espaço, entender o fenómeno espacial da festa e a reutilização desses espaços numa vivência quotidiana qualificada, percebendo de que modo essas qualidades, essas presenças, esses universos construídos têm também uma dimensão ordinária, quotidiana uma vez terminada a festa.

A nossa reflexão leva-nos a analisar a festa e a classificá-la em grandes grupos que influenciam de forma específica o espaço urbano. Podemos, assim, definir três tipos de festa urbana:

- a **festa de percurso** - que geralmente se adapta à cidade construída e utiliza elementos festivos efémeros, ainda que por vezes possam culminar num lugar, ou englobar vários pólos. É o caso das procissões e romarias.
- a **festa de lugar** – que decorre num lugar confinado dentro do aglomerado urbano, geralmente uma praça, um adro, um terreiro.
- as **celebrações** – enquanto que as anteriores são cíclicas, as celebrações têm carácter de excepção. Comemoram acontecimentos importantes, casamentos e nascimentos reais, visitas de altos dignatários, autos de fé, acontecimentos culturais e lúdicos que dão origem a espaços e vêm transformar profundamente o desenvolvimento dos núcleos urbanos, como é o caso de feiras ou grandes exposições.

A Festa de Percurso

Na maioria das festas de percurso não há grandes transformações espaciais. O ritual adapta-se aos espaços existentes, geralmente pelas ruas principais, ou que ligam pontos fulcrais da cidade. As únicas construções que existem, por vezes, são pequenos elementos icónicos que vão identificando os percursos e que, a maior parte do ano, estão encerrados ou passam despercebidos. Referimo-nos, por exemplo, às estações da Via Sacra.

No entanto, a festa tem a capacidade de desenhar percursos coerentes. Percursos esses que, no quotidiano, não são utilizados, ou não se reconhecem como tal.

Durante a procissão, a parada militar, o cortejo ou o desfile, os caminhos ganham unidade pelo recurso a elementos decorativos, como as colchas às janelas, a iluminação, mais raramente um tecto “improvisado”, como acontece em Campo Maior onde as principais ruas são cobertas por festões de flores de papel que a população se empenha a fazer durante o intervalo entre festas, pavimentos com intrincados padrões geométricos desenhados com flores ou mesmo marcado por uma passadeira sempre ver-

Belvès. França 2008. Mercado do séc. XVI utilizado como feira de degustação de produtos gastronómicos



melha (ícone de tal forma valorizado que, por vezes, é identificado com a própria festa, como a cerimónia de entrega dos Óscares em Hollywood ou carregado de significado simbólico como aconteceu no incidente ocorrido em Coimbra nos anos 60 quando os estudantes retiraram do chão as capas à passagem do Presidente do Conselho de Ministros em manifesto sinal de protesto).

Marcar o chão tem a sua origem na necessidade de criar um piso em ruas de terra, que em épocas de chuvas ficava completamente enlameado e intransitável, mas adquiriu um significado que ultrapassa em muito a mera funcionalidade. Simbolicamente representa a ligação com a Terra, a nossa condição terrena e mortal. Espacialmente o chão identifica o percurso, estrutura as decorações, hierarquiza o espaço apenas acessível a alguns – os participantes no acto cerimonial.

Os outros são espectadores, os que ocupam o espaço profano, o contentor mais ou menos indiferenciado.

Note-se que, apesar de ligado à estrutura da rua, a festa de percurso constrói espaços axiais diferenciados, dentro da própria rua e nos seus limites. O percurso corresponde ao eixo, ao espaço mais importante, é um espaço confinado e, curiosamente, quase interiorizado. Quem participa no cortejo, reduzido a um ponto de vista, abstrai-se de tudo o que está de fora (porque não tem uma clara percepção dos espaços) e para cima do limite, marcado pelos elementos verticais e emblemáticos que o pontuam como os estandartes, os andores, os pálios, os carros alegóricos ou os gigantes. São elementos que, muitas vezes, rompem com esse limite superior imaginário e que vêm provocar uma inequívoca mudança de escala.

Mas o desfile é um espectáculo. O maior exemplo é o Carnaval no Rio de Janeiro. A história recente do Carnaval no Rio é curiosa; muito resumidamente começou por ser uma festa altamente participada em bairros pobres, quase clandestina, onde as rivalidades se transferiam para as competições (ainda que não oficiais) entre escolas de samba; passou depois para uma situação oficial promovida pelo poder central, cada vez mais mediatizada, de projecção mundial mas onde grande parte da população já não se revê. Poucos cariocas vão assistir de bancada ao desfile; preferem passar o Carnaval em pequenos clubes e nas escolas de samba. O desfile em si é concebido como espectáculo e deu origem à construção de espaços para o efeito como o Sambódromo e a Cidade do Samba onde todo o Carnaval é preparado.

Mas, mesmo em situações bem mais modestas, a festa de percurso é sempre um espectáculo. Existem sempre aqueles que vão ver e os melhores lugares de observação – varandas e balcões. O espaço exterior ao do cortejo, o contentor onde este se

desenrola é igualmente importante. É nele que se concentram os elementos decorativos fixos, quase sempre muito efémeros. Por vezes os limites entre o lugar de observação e o lugar de acção são intensificados pela construção de barreiras – sobretudo nas festas que envolvem largada de touros, ou são supervisionados pelas autoridades policiais, numa tentativa clara para que esses espaços não se imiscuam, não se confundam. O espaço axial e de percurso estagna, ignora a sua natural direcção para se virar para o lado oposto da rua, para o meio. Durante algum tempo (é preciso chegar cedo para arranjar um bom lugar) as pessoas ficam ali olhando o vazio que, assim, se vai configurando como espaço cerimonial por onde a procissão irá passar. O vazio vai sendo construído pela densificação do espaço de observação. Cria-se, assim, uma curiosa relação entre ver e ser visto.

Claro que, nessas situações, há sempre os imprevistos e a utilização de espaços improváveis, como árvores, candeeiros e outros pontos mais altos.

Nos limites do contentor encontram-se os melhores lugares. Os espaços privados mantêm-se à parte, mas as pessoas dirigem-se para as janelas e varandas para ver passar a procissão. Enfeitam as casas para o exterior com panos, colchas e flores; arranjam-se e participam na festa como espectadores privilegiados, aplaudem e lançam flores ou confetti na procura de uma unidade momentânea entre o espaço do cortejo e o contentor onde ele decorre. Por vezes essa unidade é conseguida pela unidade de cor, de luz, de sons. Mas é sempre muito breve.

É a procura da unidade com o acto cerimonial que irá, por si só, transformar os espaços hierarquizados e diferenciados num único momento sacralizado que faz com que a maioria das festas de percurso não recorra frequentemente à utilização de “tectos”. O bom senso leva-nos também a pensar que, sendo as festas de percurso breves em duração e grandes em extensão, representaria um grande dispêndio de trabalho, dinheiro e de tempo construir um tecto. Por isso ele reserva-se para momentos de paragem ou situações especiais no início ou no culminar do percurso.

Verificamos que a existência de um tecto acontece sobretudo em situações de percursos múltiplos e informais.

Em Campo Maior, que já referimos, são muitas as ruas engalanadas, mas não há propriamente um acto cerimonial, como uma procissão ou cortejo. Não se estabelece a relação actor/espectador; todos deambulam pelas ruas, todos são participantes, todos usufruem de igual modo do espaço. Claro que existem hierarquias, ruas mais importantes, mais enfeitadas ou mais bonitas que



Marraquexe (Marrocos) praça Djemaa el Fna

outras. Mas o que aqui predomina é a adaptação da festa ao espaço existente, através da utilização de elementos efêmeros. Todas as ruas ficam mais fechadas; toda a vila se unifica, envolvendo e encerrando os espaços a céu aberto numa densa profusão de cores. Temporariamente o mundo confina-se à vila.

Este fenómeno do tecto acontece também com as iluminações de Natal. Não há muitos anos, apenas as principais ruas de comércio tinham iluminações de Natal. Hoje verifica-se uma profusão de luzes em vários pontos da cidade, de qualquer cidade, vila ou aldeia, já não apenas nas principais ruas comerciais e nos edifícios mais significativos, mas em vias secundárias onde não existe comércio e se destinam essencialmente aos automóveis. Há uma banalização das iluminações, que se estendem também aos privados (lojas, casas e jardins) e que se prolongam também no tempo. Em contrapartida nota-se o aparecimento de um lugar culminante, maior e mais luminoso que mantenha as características de espaço-espectáculo: as árvores de Natal gigantes, cada vez maiores e mais tecnológicas, que nos últimos anos têm vindo a errar pela cidade de Lisboa sem terem ainda encontrado um lugar “certo”, porque, atraindo muita gente, provocam grande congestionamento de trânsito, mas também não faz sentido que sejam remetidas para situações periféricas ou de pouca visibilidade.

Também não existem actos cerimoniais, ou quando existem não são eles que estão na origem da luminária. Existem sim, percursos informais e mantém-se o sentido de unidade.

A Festa de Lugar

Muito haveria a dizer sobre as Festas de Lugar: elas constituem o grande núcleo das festas urbanas e mesmo as festas de percurso culminam ou incluem lugares em que a festa se fixa. Aqui a diversidade de situações é enorme, mas procuraremos sintetizar algumas qualidades espaciais.

Se é verdade que a festa de percurso acontece nas ruas, a festa de lugar acontece nas praças e nos largos. Se o cortejo se adapta ao espaço existente a festa de lugar constrói espaços – os lugares da festa. Lugares que tanto podem ser precários e construídos dentro de espaços quotidianos, como podem ser espaços próprios que são, depois, utilizados pelo quotidiano ou, a maior parte

das vezes uma mistura das duas situações, difícil de destringir.

Em 1573, Filipe II de Espanha, naquilo que é a 1ª lei urbanística da Idade Moderna diz:

*“...A praça central deve estar no centro da cidade, de forma oblonga, com o comprimento igual ao menos uma vez e meia a sua largura, pois esta proporção é melhor para festas onde se usam cavalos, e para outras celebrações...”*¹

É bom lembrar que nos referimos apenas aos espaços urbanos também quotidianos, excluindo os espaços de festa isolados, que não dão origem, nem se inserem em estruturas urbanas, bem como os edifícios, equipamentos ou espaços construídos propositalmente para albergar funções de festa específicas como por exemplo os estádios, praças de touros, parques de diversões uma vez que são estruturas fixas, permanentes, que não pressupõem a transformação do espaço quotidiano para a festa. Tal como excluímos os santuários e espaços fora de um contexto urbano que, pelas suas características e isolamento não se integram nem são capazes de gerar estruturas urbanas. Tal é o caso, por exemplo, do Santuário de N.ª Sr.ª do Cabo no Cabo Espichel. Espaço lindíssimo, mas que permanece completamente isolado de qualquer aglomerado urbano e se encerra em si próprio.

Cada Festa de Lugar cria a sua própria imagem, ainda que pouco original, decalcada de outras situações ou inserida num sentido comum de gosto, moda e, supostamente, tradição. Seja ela uma festa religiosa, um bailarico, uma feira, uma celebração colectiva laica, uma *rave* ou uma *silent party*, toda a festa procura uma identidade, o causar de uma impressão única e, apesar de tudo, elas parecem-se entre si. Isto é: todas as feiras são idênticas (e muitas vezes os feirantes são os mesmos, vendem os mesmos produtos, comem-se os mesmos petiscos, etc.), todas as “passagens de ano” públicas se assemelham nos programas, nos actos cerimoniais (que podem ser mais ou menos grandiosos) e na atitude dos participantes, tal como todos os bailaricos se parecem sobretudo se atentarmos não à qualidade dos conjuntos musicais, nem às indumentárias das pessoas, mas à organização dos espaços e às vivências.

Aqui não há actores e espectadores². Todos são participantes: todos actuam no espaço, todos actuam na acção e todos observam, muito embora possam ter papéis diferenciados. Assiste-se ainda à perversão de papéis, à permissividade de costumes, a um

¹ Citado por Benévolo, Leonardo em “História da Cidade” Editora Perspectiva S. Paulo, 2005.

² Claro que esta afirmação merecia algum aprofundamento numa perspectiva mais situacionista.

abrandamento das regras, a uma maior liberdade comportamental, a uma socialização mais abrangente.

O espaço é o receptáculo de tudo isso. Ele alberga as acções e dá-lhes sentido e significado na complexidade global que é a festa.

Como a festa requer um espaço signifiante e referenciado, muito frequentemente ela acontece junto aos edifícios mais marcantes e de maior carga simbólica. Estes incluem também espaços livres, públicos de representação e de enquadramento – as praças, os largos, os adros e os terreiros. Aí se faz a festa. E também, pelo facto da festa aí existir (ou para a festa aí se instalar), se constroem os espaços com aquelas dimensões, com aquelas configurações com aqueles limites, aquela imagem, quase sempre associada à imagem do poder dominante – religioso, político ou económico.³

Esses espaços, edifícios ou elementos de grande expressão são incluídos nos espaços de festa e geralmente dominam o espaço, focalizam as atenções, são palco dos principais acontecimentos do programa. Outras vezes, não estando exactamente dentro do espaço de festa, eles mantêm-se visíveis e são elemento cénico de suporte a uma acção de grande impacto. Acontece muito frequentemente com as situações de fogo preso e fogo de artifício que têm como pano de fundo um monumento emblemático, levando a que a localização da festa seja definida em função do melhor enquadramento perspectico. E aqui voltamos à situação do espectáculo. De qualquer modo a relação do espaço com o espectáculo não é uma situação de pertença, nem de unidade, como nas festas de percurso. Não são os espectadores que constroem o vazio. Aqui estamos no lugar da festa a olhar para fora, para a repentina ruptura dos limites. Mas o vazio entre o espaço de festa e o espectáculo, não tem qualquer significado, nem qualquer expressão: é apenas uma certa distância que permite uma melhor percepção de um efeito.

A importância e a dimensão da festa podem levar a que algumas estruturas, habitualmente específicas dos dias festivos, se tornem fixas, ainda que muitas vezes permaneçam encerradas ou desactivadas no dia-a-dia. Outras vezes leva mesmo a que se criem estruturas ou edifícios propositadamente para a festa, retirando assim significado ao espaço urbano comum, criando novas localizações para os acontecimentos ou ocupando os espaços públicos com equipamentos que se utilizam uma ou duas vezes por ano (claro que surge sempre a tendência de lhes criar novas utilizações). Através deste processo os núcleos urbanos vão

³ A relação entre festa e poder daria, também, para nos alongarmos muito mais.

perdendo as suas festas, enquanto acontecimentos urbanos.

O festa de lugar decorre num espaço claramente limitado. Os limites existem já ou são construídos: é muito frequente recorrer-se a uma cobertura, que, a maior parte das vezes não tem qualquer função de protecção dos elementos, pois é apenas dada com pequenos apontamentos coloridos, como bandeiras, festões, balões e/ou luzes. Claro que, quando o programa exige um palco formal, ou necessita de utilizar equipamentos sonoros mais sofisticados, a cobertura tem muitas vezes uma função de protecção e projecção e optimização do som. A cobertura existe porque define o espaço e define-o como festa.

Parece-nos importante considerar ainda um outro factor que é a perversão do próprio espaço. Tanto no que se refere à utilização trazendo para o exterior actividades habitualmente conotadas, nos centros urbanos, com o interior – como cozinhar e comer – como também no de apropriação do espaço – exterior, público e privado. Exterior é tudo o que está fora dos limites do espaço de festa; como este é bem delimitado é facilmente reconhecível o que é dentro e fora da festa e mesmo o que é central e periférico à festa. O espaço privado é o que sofre alterações mais interessantes e mais significativas. Durante a festa é frequente as zonas comuns das habitações abrirem-se para o espaço de festa, bem como as lojas e os edifícios públicos ou trazerem-se de casa móveis que vêm reconfigurar as vivências do espaço público tornando-o uma extensão do espaço privado. Por exemplo, nos arraiais as pessoas trazem de casa mesas e cadeiras e os pequenos largos de Alfama tornam-se as salas de um grupo de vizinhos. Também os cafés e restaurantes se apropriam do espaço público instalando mesas e expandindo-se.

Esta alteração da relação público/privado é, quanto a nós, não só fundamental como específica do espaço de festa. E só pode acontecer durante a festa e só nessas alturas tem significado. Trazê-la para o dia-a-dia é impensável e destituído de sentido.

As Celebrações

São acontecimentos excepcionais e temporários que contribuem para construção e qualificação de espaços dentro da cidade e

condicionam o crescimento urbano qualificado.

São situações nas quais os espaços se constroem (se arranjam, ou se recuperam) para o acontecimento e geralmente reúnem “vontades” e meios para actuar sobre o espaço a grande escala.

O poder tem sempre um papel preponderante neste caso; é ele que gera “as vontades”, que “permite as acções”, que promove os eventos, que os financia (ou obtém o seu financiamento). Por isso é o poder que se revela nesses acontecimentos. Sempre foi. Apoiadas como estão pelo poder, facilmente se compreende que as celebrações sejam, de todas as festas, aquelas que dão origem a mais espaços novos; aquelas nas quais o espaço de festa de representação é mais equacionado.

Podem ser pequenos acontecimentos, quase pretextos – como, por exemplo, a recepção a um chefe de estado – que levam à construção de estruturas, às vezes efémeras, mas muitas vezes de carácter mais duradouro ou definitivo; tal como podem ser grandes investimentos de projecção mundial – como as Exposições Universais (não incluímos aqui os campeonatos de futebol porque essencialmente levam apenas à construção de equipamentos e não de espaços públicos) – pensadas hoje em dia como processos de intervir sobre o território urbano, como um meio de “construir cidade” em que se posicionam e experimentam várias teorias e modelos de cidade, de intervenção e desenho urbano.

Não é nossa intenção alongarmo-nos aqui e agora, sobre os exemplos que temos mais presentes – A Exposição de Sevilha, que habitualmente todos aceitamos como um fracasso uma vez que o espaço rapidamente se deagradou e permanece sem vida (a ilha da Cartuxa nunca foi um espaço habitado) e a Expo’98 em Lisboa que reconhecemos como um sucesso (?) e sobre a qual teimamos em não reconhecer as falhas. Deixamos, antes, estes exemplos como propostas de reflexão na perspectiva dos espaços de celebração que se vão construir de novo e que não serão para sempre espaços de festa.

Bibliografia

AUGÉ, Marc . Não-Lugares. *Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, Bertrand Ed., Vendas Novas 1994.

BARROS, Jorge e COSTA, Soledade Martinho. *Festas e Tradições Portuguesas*, Círculo de Leitores e Autores, Rio de Mouro, 2002.

BENEVOLO, Leonardo. *História da Cidade*, Editora Perspectiva, S. Paulo, Brasil, 2005.

CAILLOIS, Roger. *Os Jogos e os Homens*, Colecção Ensaio . Edições Cotovia, Lisboa, 1990.

CAILLOIS, Roger . *O Homem e o Sagrado, Perspectivas do Homem* . Edições 70, Lisboa.

GONÇALVES, Jorge Manuel. *Os Espaços Públicos na Reconfiguração Física e Social da Cidade*, col. Teses, Universidade Lusíada de Lisboa, Lisboa, 2006.

MACHADO, Aquilino. *Os Espaços Públicos da Exposição do Mundo Português e da Expo'98*, Colecção Expoentes, ParqueExpo,Lisboa 2006.

TEIXEIRA, Manuel (org.). *A Praça na Cidade Portuguesa*, Livros Horizonte, Lisboa, 2001

NEUTRA 16 – *Ciudad Fiesta!*

Colegio Oficial de Arquitectos de Sevilla. COAS 2008